

Informativo

abag 25

Publicação da Associação Brasileira do Agronegócio

nº 111 - Ano 19
Jul - Ago - Set
2018

anos

CBA

Congresso Brasileiro do Agronegócio debateu exportações e formas do Brasil se adaptar ao cenário mundial marcado por uma guerra comercial

ALIANÇA PARA USO RESPONSÁVEL DE ANTIMICROBIANOS

Iniciativa apresentada no início de setembro em São Paulo, atuará na comunicação, educação e capacitação no uso dos medicamentos de forma consciente

SUPREMO VALIDA TERCEIRIZAÇÃO DA ATIVIDADE-FIM NAS EMPRESAS

Ministros entenderam que os empresários são livres para estabelecer o modo de contratação de seus funcionários

EVENTO REALIZADO EM AGOSTO REUNIU 884 PARTICIPANTES

ENTRE LIDERANÇAS POLÍTICAS, SETORIAIS, EMPRESÁRIOS E AGENTES PÚBLICOS DE TODOS OS ELOS PRODUTIVOS DO AGRONEGÓCIO



Abertura CBA 2018



**EXPORTAR
PARA
SUSTENTAR**

A discussão sobre os impactos para o agronegócio brasileiro de um mundo marcado por uma guerra comercial entre Estados Unidos e China, que tem deslocado o pêndulo geopolítico para a Ásia, a necessidade de valorização da OMC – Organização Mundial do Comércio e do multilateralismo e das novas fontes de financiamentos para o agro, além de uma análise do que é prioritário e urgente em relação aos debates das próximas eleições. Esses foram os principais tópicos debatidos durante o 17º Congresso Brasileiro do Agronegócio, promovido pela ABAG e B3.

No encerramento do evento, Felipe Paiva, diretor da B3 salientou a importância da parceria. “Nossa conclusão é a de que, juntos com a ABAG, conseguimos potencializar os resultados do agronegócio em nosso país”, afirmou. Já o presidente da ABAG, Luiz Carlos Corrêa Carvalho salientou a riqueza dos debates realizados, sobretudo em relação à nova geopolítica mundial. “Em meio a toda a problemática interna que envolve, entre outras coisas, a absurda tabela do frete, o principal ponto destacado nas discussões foi o da volta do pêndulo

da geopolítica mundial para a Ásia, com a China ganhando peso, cenário em que o Brasil pode se tornar mero expectador ou assumir de vez seu protagonismo mundial como um importante exportador de alimentos, energia e fibras”, comentou.

A questão do cenário externo apontada por ele foi detalhada na palestra Geopolítica e Mercado Internacional: Impactos para o Brasil, na qual o embaixador brasileiro em Washington, Sergio Amaral pontuou que o agronegócio brasileiro tem dois desafios nos próximos anos. A seu ver, a curto prazo será necessário ampliar e manter a produtividade, a médio prazo, o setor vai necessitar dar um salto em termos de internacionalização, exportando não apenas alimentos, mas também tecnologia e serviços.

Ambos os desafios, de acordo com o embaixador, terão de ser enfrentados dentro de um cenário onde predomina uma guerra comercial entre Estados Unidos e China. “Não somos alvo, mas

sofremos as consequências de forma indireta”, disse, acrescentando que nem tudo pode ser negativo. “Se os chineses imporem sanções, por exemplo, na exportação da soja americana, eles (chineses) vão precisar de outros mercados para suprimir a demanda e o Brasil pode ser beneficiado, juntamente com a Argentina, assim como se a China fechar um acordo com os Estados Unidos, pode ser que percamos um mercado importante”, analisou.

A questão americana, aliás, também pode ser uma oportunidade para o Brasil porque, segundo Amaral, o país havia perdido o trem das relações comerciais internacionais em governos anteriores. “Em decorrência da política adotada pelo governo Trump, o trem parou e nosso país, agora, tem a oportunidade de embarcar neste trem, por meio do Itamaraty, que reiniciou a negociação por acordos com diversos blocos e países”, ponderou.

Nesse sentido, o ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, comentou, durante a abertura do evento, que a agenda de negociações do Itamaraty engloba acordos com o Japão, Canadá, Coreia do Sul e com os países da Aliança do Pacífico, além de estar revitalizando os acordos comerciais do Mercosul.

Nunes ainda destacou dois pontos relacionados ao agronegócio: a luta contra as barreiras sanitárias e fitossanitárias e que em termos de sustentabilidade o Brasil é uma referência e não precisa receber lição de nenhum país. “Há ainda muita coisa a ser feita, mas nossa produção agrícola preserva mais de 60% da cobertura vegetal, original, inclusive”, disse.



Sérgio Amaral, embaixador do Brasil em Washington

ISOLAR NÃO É A SOLUÇÃO

Na abertura do evento, o presidente da ABAG, fez questão de salientar a importância de o país não se isolar num cenário mundial marcado por um aumento de medidas protecionistas. “Nesse sentido, para o Brasil e para o Mercosul, o fortalecimento da OMC – Organização Mundial do Comércio é fundamental.

Para se ter uma ideia, segundo a própria OMC, uma guerra comercial poderia fazer recuar o PIB global em mais de dois pontos percentuais”, afirmou Carvalho.

Em sua saudação inicial, o presidente da B3, Gilson Finkelsztain, afirmou que, para o país atender as expectativas mundiais em termos de produção e exportação, será necessário diversificar a busca por recursos. “Nesse aspecto, a área de mercado de capitais brasileiro teve grande evolução nos últimos anos. O melhor exemplo disso foi a consolidação dos Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRA), afinal de contas, no ano passado eles representaram uma movimentação de R\$ 30 bilhões, um volume que foi o dobro do ano anterior”, informou.

Também participaram da abertura do evento, o prefeito de Ribeirão Preto, Duarte Nogueira, a superintendente Federal do Ministério da Agricultura em São Paulo, Andrea Moura, do secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Francisco Jardim, o deputado federal Arnaldo Jardim, do presidente da APEX, Roberto Jaguaribe, o presidente da Abitrago, embaixador Rubens Barbosa, o representante permanente do Brasil na OMC, Alexandre Parola, o presidente da CNA, João Martins da Silva Junior, o representante da FAO no Brasil, Alan Bojanic, o coordenador dos países produtores do Cone Sul, Gustavo Idigoras, e o presidente em exercício da Embrapa, Celso Luiz Moretti.



Presidente da ABAG discursando na abertura do CBA 2018

HOMENAGENS

O Congresso Brasileiro do Agronegócio prestou duas homenagens, por meio dos seus já tradicionais prêmios. Para o **Prêmio Norman Borlaug de Sustentabilidade**, a escolhida foi a consultora em Biossegurança e Biosseguridade, **Leila dos Santos Macedo**, que é bacharel em Química, mestre e doutora em Microbiologia e Imunologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz no tema Biossegurança e de 1995 a 1999, fez parte e presidiu a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), período em que teve contribuição decisiva para dissipar conflitos entre os diversos órgãos relacionados com a questões de biossegurança. Foi durante sua passagem pela Comissão, que o primeiro transgênico foi aprovado no Brasil.



Luiz Carlos C. Carvalho, Adriana Brondani e Leila dos Santos Macedo



Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias, João Martins da Silva Junior, Luiz Carlos C. Carvalho e Urbano Campos Ribeiral

Para o **Prêmio Ney Bittencourt de Araújo – Personalidade do Agronegócio**, o homenageado foi o Presidente da CNA – Confederação Nacional da Agricultura, **João Martins da Silva Junior**. Pecuárista, com 50 anos de experiência na área, é graduado em Administração de Empresas e foi fundador e primeiro tesoureiro da Central de Cooperativas de Leite da Bahia. Na década de 1980, foi vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária da Bahia, entidade que veio a presidir em 2000. Exerceu cargos nas direções do Sebrae – Bahia, Senar-BA, no Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia, entre outras instituições.

PLANO DE ESTADO – BRASIL 2030

O evento foi palco também da divulgação das linhas mestras do “Plano de Estado – Brasil 2030”, apresentado e organizado pelo ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues. “Nossa proposta não é apresentar um plano com sugestões ao próximo governo, mas sim um Plano de Estado, com o olhar voltado para um horizonte mais longo: até 2030. Não se trata de pedido ou demanda ao governo, mas sim uma

ampla proposta de longo prazo”, afirmou o ex-ministro. O Plano foca os seguintes eixos: Cenário para o agro face à demanda global para 2030; Macroeconomia Brasileira e os Desafios; Segurança Jurídica; Política Agrícola; Associativismo e Cooperativismo; Competitividade Internacional do Agro Brasileiro; Visão Estratégica e Políticas Públicas; Logística: Transporte e Armazenagem; Inovação; Sustentabilidade e Imagem.

ENTIDADES LANÇAM ALIANÇA PARA USO RESPONSÁVEL DE ANTIMICROBIANOS

INICIATIVA APRESENTADA NO INÍCIO DE SETEMBRO EM SÃO PAULO, ATUARÁ NA COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO NO USO DOS MEDICAMENTOS DE FORMA CONSCIENTE



Sheila Guebara no lançamento da Aliança

O uso de produtos antimicrobianos, entre eles os antibióticos, abrange toda a cadeia de produção animal e é tema recorrente de discussões científicas, econômicas e políticas. O aumento da população e da conseqüente necessidade da oferta de alimentos de origem animal determinam a necessidade de melhoria contínua na produção, sempre com mais qualidade e menor custos. Devido a esse fator, a utilização de antimicrobianos tem sido aliada da produção animal, contribuindo para o aumento da produtividade ao tratar animais enfermos, controlar a disseminação de doenças e prevenir a contaminação de animais saudáveis.

Apesar da comprovada eficácia dessa classe de medicamentos para a produção de alimentos de origem animal, a necessidade de esclarecimentos adicionais sobre sua administração traz preocupação sobre resistência bacteriana e o surgimento de novas doenças.

Entre os objetivos da Aliança além de proteger a saúde e o bem-estar animal, promover o uso de antimicrobianos de forma racional e responsável, incentivar o desenvolvimento de novos produtos e tecnologias para a prevenção e o tratamento de doenças, proteger o comércio de proteína animal, está também o aumento do conhecimento, da comunicação, da conscientização e de esclarecimentos sobre o tema.

“Bovinos, peixes, aves e suínos são constantemente

submetidos ao uso de antibióticos. Essa realidade leva à necessidade de esclarecimentos sobre o uso responsável destes medicamentos. As entidades de classe ligadas à produção de alimentos de origem animal discutem o tema há muito tempo e agora dão mais um passo para aprofundar as discussões e atuar de forma colaborativa e alinhada, compartilhando práticas sustentáveis que continuem para fortalecer o setor, minimizando os riscos da resistência antimicrobiana em animais e a conseqüente transferência para humanos”, explica Sheila Guebara, coordenadora da Aliança.

A indústria está atenta e, mais do que isso, empenhada em contribuir para essa discussão, seja em termos de esclarecimento à sociedade seja na motivação do uso responsável e racional de antimicrobianos. Esse compromisso, levou a **ABAG**, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN), Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (ALANAC), Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (SINDIRAÇÕES), Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), Associação Nacional da Pecuária Intensiva (ASSOCON), Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA), Associação Brasileira de Laticínios (Viva Lácteos), Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica e de Insumos Farmacêuticos (ABIQUIF) e Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR) a criar a ALIANÇA.

A iniciativa está em linha com o Plano de Ação Nacional para Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos (PAN-BR AGRO) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que fomenta a prevenção das infecções por meio da adoção de boas práticas agropecuárias.

Entretodas propostas da Aliança, está também a participação dos representantes das entidades envolvidas em ações, simpósios e reuniões, inclusive internacionais, com o objetivo de fomentar a correta utilização dos antimicrobianos e discutir atualizações sobre o tema.

“A Aliança é um esforço conjunto para ajudar a desenvolver políticas públicas que assegurem a efetividade do uso dessa classe de produtos, atendendo às demandas de uma população crescente em busca de proteína animal acessível”, ressalta Sheila Guebara.

ABAG E BAYER ENTREGAM

1º PRÊMIO MULHERES DO AGRO

A PREMIAÇÃO SERÁ NO DIA 24 DE OUTUBRO, DURANTE O 3º CONGRESSO NACIONAL DAS MULHERES DO AGRONEGÓCIO, EM SÃO PAULO

O 1º Prêmio Mulheres do Agro, criado pela Bayer em parceria com a ABAG, nasceu com o intuito de dar voz à luta das mulheres rurais em prol da igualdade de gênero. A iniciativa visa contemplar gestoras e produtoras que estão à frente dos negócios, nas categorias pequena, média e grande propriedade. As inscrições encerram no dia 04 de outubro.

As finalistas ganharão uma viagem a São Paulo com todas as despesas inclusas para acompanhar a programação do 3º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio, realizado entre os dias 23 e 24 de outubro, receberão troféu durante cerimônia no evento e ainda poderão contar suas histórias na série audiovisual Ser Agro É Bom da Bayer.

Para se inscrever, é necessário entrar no site www.premiomulheresdoagro.com.br, baixar o formulário, preencher as informações e submeter

o documento no mesmo site. É importante que as concorrentes completem o máximo de dados possível para que a comissão de jurados possa conhecer melhor a história da produtora. Esta é uma forma de dar visibilidade às mulheres que enfrentam desafios no campo, além de agregar valor à propriedade.

“A presença das mulheres nesse setor é cada vez maior e mais necessária. Conhece-las e poder contar suas histórias é uma forma de valorizá-las e incentivar que mais mulheres se interessem pelo agronegócio”, afirmou Juliana Monti, gerente de sustentabilidade e coordenadora de projetos da ABAG.

O Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio está em sua terceira edição, esse ano terão destaque cases de sucesso, troca de conhecimento e muito networking entre mulheres de todo o país. Estão sendo esperadas cerca de 1.500 mulheres de todas as regiões do país.

prêmio
**MULHERES
DO AGRO**

24 outubro
2018

Transamerica Expo Center
São Paulo (SP)

Durante o 3º Congresso Nacional
das Mulheres do Agronegócio

A SUA HISTÓRIA
TEM GRANDE
VALOR PARA
NÓS!

**INSCRIÇÕES ATÉ
04 DE OUTUBRO**

www.premiomulheresdoagro.com.br

REALIZAÇÃO



APOIO



SUPREMO VALIDA TERCEIRIZAÇÃO DA ATIVIDADE-FIM NAS EMPRESAS

MINISTROS ENTENDERAM QUE OS EMPRESÁRIOS SÃO LIVRES PARA ESTABELECEM O MODO DE CONTRATAÇÃO DE SEUS FUNCIONÁRIOS



Em 30 de agosto de 2018, o Plenário do STF aprovou a ação ajuizada pela ABAG, e também o Recurso Extraordinário, da Empresa Cenibra, de Minas Gerais, que estabelece a tese de que “É lícita a terceirização ou qualquer outra forma de divisão do trabalho entre pessoas jurídicas distintas, independentemente do objeto social das empresas envolvidas, mantida a responsabilidade subsidiária das empresas contratantes”.

A terceirização ocorre quando uma empresa decide contratar outra instituição para prestar determinado serviço. Dessa forma, não há contratação direta dos empregados.

A medida validada pelo STF assegura o princípio constitucional da livre concorrência, da segurança jurídica e moderniza as relações de trabalho no campo. “Para o agronegócio que tem uma atividade sazonal, e que exige

uma mão de obra intensa, o processo de terceirização é fundamental para a produtividade no setor e trará melhorias nas atividades cotidianas” comentou Luiz Cornacchioni, diretor executivo da ABAG.

O ministro Celso de Melo, que deu um dos últimos votos a favor da terceirização, entendeu que os empresários são livres para estabelecer o modo de contratação de seus funcionários, e que a medida, desde que respeite os direitos dos trabalhadores, é uma forma de garantir o aumento dos empregos, em um cenário cujo desemprego atinge mais de 13 milhões de pessoas no país.

Segundo a ministra Carmen Lúcia, que também votou a favor da medida, a terceirização, por si só, não viola a dignidade do trabalho, e os abusos contra os trabalhadores devem ser combatidos sempre.

FÓRUM CAMINHOS DA SAFRA

O DEBATE FOCOU NAS DIFICULDADES DE LOGÍSTICA NO BRASIL EM UM ANO MARCADO PELA GREVE DOS CAMINHONEIROS, QUE PAROU O PAÍS.



Em setembro, a Revista Globo Rural realizou a sexta edição do Fórum Caminhos da Safra, em São Paulo (SP). Evento, que desde a primeira edição conta com o apoio da ABAG, marca o encerramento de um ciclo do projeto, que tem início no começo de cada ano percorrendo as principais rotas destinadas ao escoamento da safra em todo o Brasil.

Participaram da discussão o produtor e empresário Adelino Bissoni, André Pérez, diretor de logística da Yara Fertilizantes, Cláudio Graeff, presidente do comitê de logística na ABAG, Ricardo Nascimbeni, diretor de supply chain da Cargill, e Silvio Munhoz, diretor de vendas da Scania Brasil. A mediação foi do diretor de redação de Globo Rural, Bruno Blecher.

Os representantes do agronegócio reforçaram as críticas ao tabelamento do frete rodoviário. Foram discutidas as dificuldades de logística no Brasil em um ano marcado pela greve dos caminhoneiros, que parou o país entre maio e junho.

“Os caminhoneiros protestaram, mas adotaram o caminho errado. Foram negociar com o governo quando de-

veriam ter sentado conosco. O governo não chamou os produtores para dar suas posições”, disse o presidente da Comissão de Logística da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Luiz Antônio Fayet.

Em apresentação feita na abertura do evento, Fayet avaliou que a tabela de frete é um equívoco e traz prejuízos para a economia brasileira. “O governo ainda impõe multa para quem contratar errado. Não é só um problema do caminhoneiro e do produtor. São cadeias produtivas envolvidas”.

Diretor de logística da Yara Fertilizantes, André Pérez afirmou que, em função do tabelamento, o custo do transporte de produtos para a empresa aumentou em até 150% em algumas regiões do país. A companhia utiliza cerca de 500 mil caminhões por ano, movimentando 10 milhões de toneladas em um mercado de 34 milhões. “Tenho uma carteira vendida para sete, oito meses e volto para o meu cliente e digo que o custo subiu 150%. Estamos entregando produto, mas com custo maior. Somos uma empresa listada em bolsa e os dois primeiros itens em que somos analisados são compliance e segurança”, disse o executivo.

Ricardo Nascimbeni, diretor de cadeia de suprimentos de grãos da Cargill, lembrou que a comercialização da safra brasileira está praticamente parada em função do impasse no frete. Para o executivo, a tabela é inconstitucional, ilegal e “viciada” e a forma como a situação está sendo resolvida é irresponsável. “Espero que os assessores do ministro tenham a percepção do risco de vergonha que se pode passar ao interpretar essa questão do tabelamento. É um novo imposto no país”, disse, em referência ao ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal (STF), a quem cabe decidir se a lei que institui o piso para o frete está de acordo com a Constituição.

Para Claudio Graeff, presidente do Comitê de Logística da ABAG, o adiamento da decisão do STF colocou o setor em um “beco sem saída”: cumprir a tabela traz prejuízos e, sem expectativa de retorno, as empresas do setor deixam de fazer investimentos. “O Brasil é um país capitalista e de livre mercado. Quando há uma tabela, quebra-se essa regra. Agora é a ANTT que define e não leva em conta o custo de cada trajeto”, criticou, ressaltando que cada região do Brasil tem uma realidade de custo de transporte. “Em al-

guns lugares os fretes estão mais baratos, mas em outros houve um aumento absurdo”, acrescentou.

EXCESSO DE OFERTA

A relação entre a oferta e a demanda por transporte no Brasil foi um dos temas do debate. Anos atrás, o governo federal incluiu os caminhões em um programa de financiamento a juros baixos, na tentativa de estimular o mercado e possibilitar a renovação da frota. Atualmente, a decisão é avaliada por críticos como uma das causas da depreciação do frete rodoviário no Brasil.

O diretor de vendas da Scania no Brasil, Silvio Munhoz, avaliou que a oferta de caminhões no Brasil hoje é maior do que a demanda. No entanto, há um desvio de quantidade e de qualidade, já que a frota circulando nas estradas atualmente é grande e antiga.

“A idade da frota é maior do que deveria ser e torna o transporte mais caro porque é ineficiente. O governo incentivou a renovação, mas não houve essa renovação porque nenhum caminhão deixou de ser usado. Hoje se vê caminhões de 30 anos transportando”, afirmou o executivo.

IBGE APRESENTA PRIMEIROS RESULTADOS DO CENSO AGRO 2017 PARA COMITÊS DA ABAG



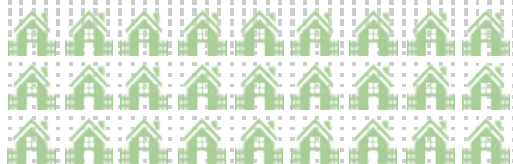
Em agosto de 2017, durante o 16º Congresso Brasileiro do Agronegócio, a ABAG assinou um termo de compromisso com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para implementar ações comuns no sentido de divulgar as atividades do Censo Agro 2017. A parceria se baseava no triplê de incentivar os produtores agropecuários a responder à pesquisa, colaborar com as operações censitárias e estimular o uso das informa-

ções produzidas pelo IBGE.

Em agosto desse ano, exatamente um ano depois, na sede do Itaú BBA, Carlos Florido, coordenador técnico do Censo, fez uma apresentação dos resultados preliminares, com uma análise das mudanças ocorridas entre os Censos de 2006 e 2017.

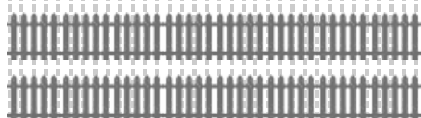
Alguns registros já merecem destaques, apesar de mais a frente virem novas revelações interessantes.

MUDANÇAS ENTRE OS CENSOS DE 2006 E 2017



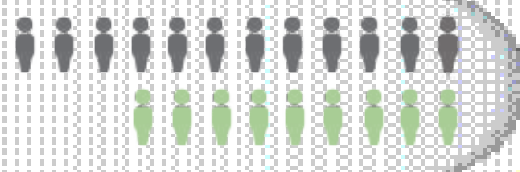
■ O número de estabelecimentos rurais teve uma queda de **2%**, indo para **5.175.636**. A área somente caiu no grupo de **100** hectares a menos de **1.000** hectares.

■ Tiveram crescimento as pastagens plantadas, as matas naturais e as lavouras temporárias, enquanto as pastagens naturais e as lavouras permanentes tiveram queda.



■ As terras arrendadas praticamente dobraram e chegaram a **30 milhões hectares**. Essa é uma forma de renda sem necessidade de vender a propriedade.

■ Há um envelhecimento no campo. A participação das pessoas ocupadas com mais de **65 anos** cresceu. Já a quantidade de pessoas ocupadas entre **25 a 45 anos** caiu.



20,0%



49,7%



52,0%

■ Como dados associados a tecnologia, o aumento no uso de defensivos agrícolas (**20,0%**), no número de tratores (**49,7%**) e na área irrigada (**52,0%**).

■ A mão de obra ocupada no campo caiu **9,24%**, para **15,0 milhões**, mas a participação da mão de obra feminina entre os trabalhadores cresceu de **12,7%** para **18,6%**.



■ O acesso a internet teve um salto significativo, de **1.790 %**, chegando a **1.425.323**.



RESERVE SUA AGENDA
PARA PARTICIPAR DO
PRÓXIMO CONGRESSO:
5 DE AGOSTO DE 2019



CONGRESSO BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO 2018

Patrocínio Master



Patrocínio



GOVERNO FEDERAL

Apoio

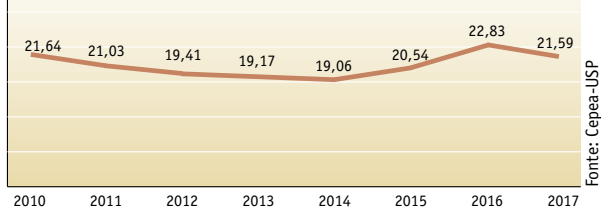


Apoio Institucional



Agronúmeros

Evolução da participação do PIB do Agronegócio (%)



Balança comercial US\$ bilhões

Ano	Brasil			Agronegócio		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
2010	201,9	181,7	20,1	76,4	13,4	63,0
2011	256,0	226,2	29,7	95,0	17,5	77,5
2012	242,5	223,1	19,3	95,8	16,4	79,4
2013	242,0	239,7	2,2	100,0	17,1	82,9
2014	225,1	229,1	-4,0	96,7	16,6	80,1
2015	191,1	171,4	19,6	88,2	13,1	75,1
2016	185,2	137,5	47,6	84,9	13,6	71,3
2017	217,7	150,7	66,9	96,0	14,2	81,8
2018*	158,9	121,2	37,7	49,6	6,6	4,3

Fonte: Secex/ Agrostat *Parcial

Vendas de Defensivos Agrícolas

Ano	Produto Comercial (t)	Ingrediente Ativo (t)	Valor US\$ milhões
2009	725.577	335.742	6.625
2010	708.592	342.580	7.303
2011	730.627	345.026	8.487
2012	823.226	346.583	9.710
2013	902.408	367.778	11.454
2014	914.220	352.336	12.248
2015	887.872	395.646	9.608
2016	879.242	377.176	9.560
2017	886.249	454.242	8.893

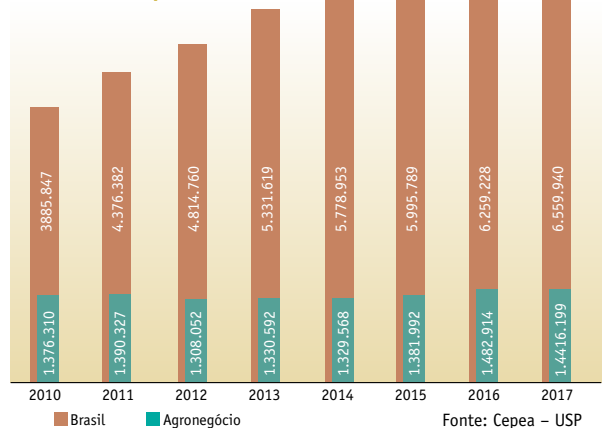
Fonte: Sindiveg

Vendas de Fertilizantes

Ano	milhões de t
2015	30,20
2016	34,08
2017	34,43
2018*	16,8

*Parcial
Fonte: Anda

Evolução do Agronegócio no PIB em R\$ milhões



Vendas de Máquinas Agrícolas – Unidades

Ano	Tratores de roda		Tratores de esteira		Cultivadores Motorizados		Colheitadeiras	
	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas
2012	55.819	12.167	1.062	2.265	1.348	39	6.278	1.238
2013	65.089	11.217	942	1.580	1.618	10	8.539	1.143
2014	55.612	9.428	835	1.869	1.553	5	6.448	1.026
2015	37.381	7.338	380	885	1.059	82	3.917	383
2016	35.956	6.277	302	980	747	83	4.498	431
2017	35.622	8.441	291	1.959	-	-	4.537	1.006
2018*	24.772	4.262	303	2707	-	-	3.353	686

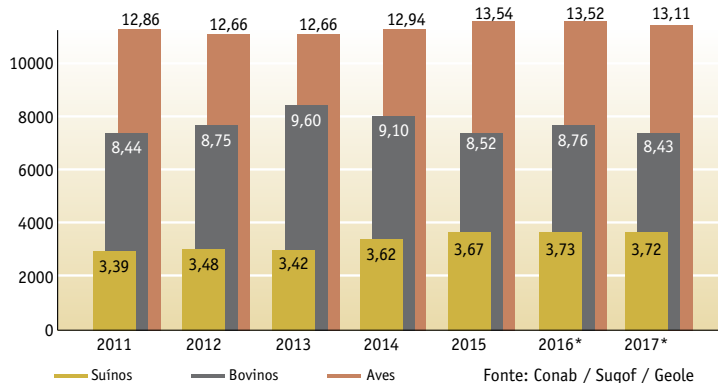
Fonte: Anfavea *Parcial

Produção de Rações

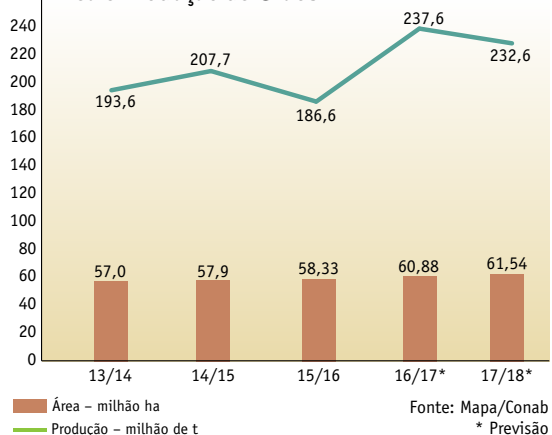
Ano	milhões de t
2009	58,4
2010	61,5
2011	64,6
2012	63,0
2013	62,6
2014	65,0
2015	69,7
2016	67,2
2017	68,6

Fonte: Sindirações
*Estimativa
**Previsão

Produção de Carnes milhões de t



Área e Produção de Grãos



EXPEDIENTE – Publicação oficial da Associação Brasileira do Agronegócio – ABAG. Presidente: Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Vice-presidente: Francisco Matturo. Diretores: Alexandre Enrico Silva Figliolino, André Souto Maior Pessoa, Bartolomeu Braz, Carlos Aguiar Neto, Cesar Borges de Sousa, Diogo Dragone, Eduardo Daher, Gehard Bohne, Ingo Plöger, Luiz Lourenço, Marcello Brito, Mário Von Zuben, Paulo Renato Herrmann, Pedro Barros Barretos Fernandes, Urbano C. Ribeiro, Valmor Schaffer e Weber Porto. Diretor Executivo: Luiz Cornacchioni. Jornalista Responsável: Gislaíne Balbinot, MTB065/MS, Juliana Pereira, analista de comunicação. Apoio: Mecânica de Comunicação. Projeto Gráfico: Mister White. Impressão Gráfica: Landgraf. Tiragem: 1.600 exemplares.

CONTATO
ABAG: Av. Paulista 1754 – cj 147 – São Paulo/SP
01310-200 – Fone/Fax (11) 3285-3100
E-mail: abag@abag.com.br
Site: www.abag.com.br – twitter: @abag_brasil
Facebook: ABAG – Associação Brasileira do Agronegócio